

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL

Portrayals of reading in brazil

Maria de Fátima Tonin Lunardi Correa

Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela UNIVALI.

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

Itajaí – SC – Brasil

Endereço

Rua Pouso Redondo, 41

Centro - Balneário Piçarras - SC

CEP: 88380000

E-mail

fatima_lunardi@hotmail.com

Artigo recebido em 30/03/2010

Aprovado em 09/08/2010

RESUMO

Estaremos neste artigo investigando o perfil dos leitores brasileiros, com base na análise dos dados revelados pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2008), promovida pela CBL; SNEL e Abrelivros, a qual teve como foco principal conhecer e mensurar a conduta do leitor no que concerne, principalmente, aos livros, e fazer um levantamento de como as pessoas percebem a leitura, fazendo em certos momentos um comparativo com a edição 2000/2001. A história Ocidental da leitura mostra que a leitura na antiguidade era acessível a poucos. Em nosso país este fato se repete, visto que os livros brasileiros eram editados em Portugal e há apenas dois séculos os mesmos são editados no Brasil. O distanciamento do leitor do livro se perpetua desde a antiguidade até os nossos dias. Apesar dos esforços implementados pelas políticas públicas de incremento à leitura, ainda estamos longe do percentual desejável de leitores, se comparado aos países desenvolvidos. Observamos dados, como a faixa etária dos leitores, em que leem mais, porque leem gêneros literários preferidos, como é o acesso às bibliotecas, o perfil do leitor brasileiro quanto a sua situação socioeconômica e a sua escolaridade. Consta-se também que nosso país apresenta índices oscilantes de leitores por regiões. A pesquisa também revela que o brasileiro associa a leitura à fonte de conhecimento, não a vê como objeto estético e aponta percentuais de leitores de livros digitais (*e-books*).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Retratos da Leitura no Brasil. Formação de Leitores.

ABSTRACT

This article investigates the profile of Brazilian readers, based on the analysis of data revealed by the research “Portrayals of Reading in Brazil” (2008) promoted by CBL; SNEL and Abrelivros, the main focus of which is to determine and measure the reader’s behavior, particularly in relation to books, and to investigate how people perceive reading, establishing at key moments a comparison with the 2000/2001 issue. The Western history of reading shows that reading in ancient times was accessible only to the few. In our country, this fact is repeated, since Brazilian books were published in Portugal, and have only been published in Brazil for the past two centuries. This distancing of the reader from the book has been perpetuated from ancient

times, until today. Despite the efforts implemented by the public policies to promote reading, we are still far from reaching the desirable percentage of readers, compared with the developed countries. We observed data such as the age range of readers, what they read more, their reasons for reading, their favorite literary genre, access to libraries, and the profile of Brazilian reader in terms of socioeconomic situation and level of education. It is also seen that our country has varying numbers of readers, according to region. The research also reveals that the Brazilian associates reading with a source of knowledge, and does not see it as an aesthetic object. It also indicates the percentage of readers of e-books.

KEY WORDS: Reading. Portraits of Reading in Brazil. Formation of Readers.

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo minha palavra.

Carlos Drummond de Andrade
(1999, p. 43)

Carlos Drummond de Andrade, nesta epígrafe, apresenta-nos o desafio que traz todo e qualquer texto literário: acordar o sentido das palavras. Esse ato é fundamental para a formação de leitores. O sujeito que tenha por hábito buscar de maneira inteligente e sensível um grande arsenal de informações e conhecimento do mundo pelo viés da leitura pode-se chamar de leitor. Larossa, interpretando Nietzsche, afirma:

Os leitores que importam são os que não se prendem aos livros, os que não permanecem sempre leitores, os que sabem deixar de ser discípulos, os que não querem continuar sendo crentes, os que sabem deixar os livros e continuar sozinhos, os que seguem seu próprio pathos, seu próprio caminho. Só eles possuem a suprema arte da leitura. (2005, p. 25).

Partindo deste pressuposto, estarei neste artigo fazendo uma análise dos dados revelados pela pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" (2008), fazendo em certos momentos um comparativo com a edição 2000/2001, pois esta investiga o perfil dos leitores brasileiros e acreditamos na possibilidade, isto é, na hipótese de que o computador e a Internet, uma vez bem usados, podem auxiliar na formação de leitores, principalmente porque o perfil do leitor do Século XXI mudou.

Ao voltarmos nossos olhos ao passado não muito distante, na década de 90 mais precisamente, era comum vermos manchetes, estudos, pesquisas que falavam do perfil do leitor brasileiro, que não possuía por hábito o ato de ler. O prazer da leitura não fazia parte do cotidiano da imensa maioria da população brasileira. Preocupados com esta realidade, investimentos foram feitos. O perfil do leitor brasileiro foi investigado através da pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" ¹ (2008), financiada pelo Instituto Pró-Livro, com o intuito de perceber como está o hábito de leitura da população brasileira. As pessoas consideradas como leitoras foram as que leram, ao menos, um livro no último trimestre. Em contrapartida "não-leitoras", mesmo que tenham lido em outra época, são as que responderam esta pergunta de forma negativa.

A pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", em sua primeira edição, realizada pela CBL, Snel e Abrelivros, com apoio da Bracelpa, foi realizada em 2000/2001 pelo instituto A. Franceschini Análise de Mercado de São Paulo. O objetivo básico da pesquisa era identificar a penetração da leitura de livros no país e o acesso a eles. Além disso, também buscava: a) Levantar o perfil do leitor de livros; b) Coletar as preferências do leitor brasileiro; c) Identificar as barreiras para o crescimento da leitura de livros; d) Levantar o perfil do comprador de livros.

Vamos nos deter principalmente na segunda edição da Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2008), promovida pela CBL; SNEL e Abrelivros, a qual teve como foco principal conhecer e mensurar a conduta do leitor no que concerne principalmente aos livros e fazer um levantamento de como as pessoas veem a leitura.

Esta pesquisa aplicou-se nas datas de 29 de novembro de 2007 a 14 de dezembro de 2007, em 311 cidades brasileiras, sendo a mesma divulgada em 2008. Foram feitas 5.012 entrevistas, representando um nº de 172 milhões de brasileiros, equivalentes a 92% da população. O princípio utilizado para definir leitores e não leitores foi o mesmo da edição anterior, que tenha lido no trimestre pelo menos um livro. Além dos objetivos elencados acima, a pesquisa teve também o intuito de: a) conhecer a percepção da leitura no imaginário coletivo; b) definir o perfil do leitor e do não leitor de livros; c) identificar as preferências dos leitores; d) identificar e avaliar os canais e as formas de acesso à leitura e as principais barreiras.

É imprescindível que se registre que muitos dados da pesquisa confirmam os dados da edição anterior (2000). Diante do exposto Cunha afirma:

(...) há muito chão pela frente, até considerarmos atingidos os níveis mais decentes de leitura para cada cidadão brasileiro. E essa convicção é sinal de que o melhor que fazemos ainda é insuficiente e que é necessário reforçar uma ação como o termo cadeia sugere: um trabalho pensado, planejado, executado de maneira parceira, uma ação integrada, tendo sempre como alvo esse bem comum que nos une: a promoção da leitura. (2008, p. 12).

Para uma melhor visualização do panorama da leitura no Brasil, faz-se mister analisar a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" edição 2008, a qual, como seu título já diz, nos traz uma panorâmica, uma foto de como está a Leitura em nosso país hoje. Ela apresentou algumas inovações aumentando a abrangência territorial de 44 para 322 municípios, de 19 para 27 unidades federativas; foram atingidas todas as capitais e regiões metropolitanas e alcançaram-se 7 vezes mais o número de pequenas cidades.

A pesquisa foi ampliada significativamente. Em 2007, pesquisaram-se 172,7 milhões de brasileiros, que correspondem a 92,3% da população. Em contrapartida, anteriormente, em 2000, o número foi bem inferior, correspondendo ao número de 86 milhões, ou seja, 49% da população. O motivo de aumento destes números foi a inclusão de 5 a 13 anos que correspondem a 34,7 milhões. Também foram incluídas pessoas com escolaridade inferior a 3 anos, dentre as quais aparecem 20,7 milhões com menos de 14 anos, totalizando um número de 51,5 milhões. O estudo averiguou que 55% da população, ou seja, 95 milhões de pessoas possuem o hábito de ler, contrapondo-se ao número de 45% das pessoas que declararam não ser leitoras, representando o número de 77 milhões. O número médio de livros lido pelos brasileiros corresponde anualmente a 4,7 exemplares anuais. Na Região Sul do Brasil, o número é bem mais significativo, correspondendo a 5,5 livros por pessoa anualmente. O número de livros lidos por habitante em nosso país foi de 4,9 na Região Sudeste; 4,5 na Região Centro-Oeste; 4,2 na Região Nordeste e 3,9 na Região Norte e 5,5 na Região Sul.

Parafraseando Cunha (2008), percebe-se um grande avanço, como a maior elevação do índice da leitura, resultado de esforços de todos os segmentos relacionados ao livro e à leitura em nosso país. Na pesquisa anterior, o número de livros lidos por ano era de 1,8 livro lido por habitante, sendo que agora é de 4,3 livros lidos por ano. O que representa um significativo aumento. Este trabalho veio elucidar que as políticas públicas estimulam a leitura no Brasil, uma política que tem resultado em dados significativos, apesar de ainda termos muito a alcançar. O brasileiro está lendo mais e o Brasil está caminhando para ser um país de leitores. Leal afirma:

É preciso buscar estratégias que possibilitem ler, no processo de compreender a vida, para poder atribuir sentido à existência, uma vez que estamos envolvidos, como co-autores, na multiplicidade de textos que circulam. Compreende-los é poder resgatar a nós mesmos e a nossa história, reconhecendo-nos e recriando-nos novamente. Trata-se, pois, de uma contínua criação de significados, como possibilidade de rever e assumir a própria vida. (2001, p. 267).

Apesar dos bons resultados apontados, uma boa parcela da população ainda não conhece os materiais de leitura, ainda não encontraram a chave ou não encontraram a senha, como afirmou Drummond, não descobrindo o prazer na leitura, visto que somente após ver televisão, ouvir música, ouvir rádio e descansar é que aparece a opção pela leitura. Segundo Rubem Alves (2000, p. 136):

(...) a educação teria completado a sua missão se conseguisse despertar o prazer de ler nas crianças”, o que infelizmente na maioria das vezes não acontece. Segundo o autor, deveriam ocorrer “concertos de leitura, como existem os de pianos”, que não tivessem outro intuito senão de entreter os sentidos e ativar a imaginação – algo que os bons textos são capazes de fazer.

Consideram-se na pesquisa os não alfabetizados, 16% da amostra. Os não leitores, ou seja, 48% não leram um livro nos três meses anteriores à pesquisa. Este número decresce para 45%, quando são considerados os que não leram um livro no ano anterior. Os adultos aparecem como a maior parcela de não leitores. Este número vem diminuindo de acordo com a renda familiar e a classe social. Percebe-se que o poder aquisitivo é fator significativo para a constituição de leitores.

Cunha (2008) afirma que “as dificuldades de leitura declaradas configuram um quadro de má formação das habilidades necessárias à leitura, o que pode decorrer da fragilidade do processo educacional: 17% lêem muito devagar, 7% não compreendem o que lêem, 11% não tem paciência para ler e 7% não têm concentração.”

A pesquisa traz à tona um fato interessante, “a infância e a adolescência são lembradas como o período em que as pessoas mais liam e/ou lêem”. Percebe-se neste momento a importância da escola como promotora da leitura e também como esta é uma habilidade que pode e deve ser ensinada desde a mais tenra idade.

A leitura ainda não possui um lugar assegurado nesta sociedade. Nas lacunas deixadas pela família na formação de leitores, é imprescindível que este papel venha a ser preenchido pela escola, sendo que fica evidenciada a estreita relação que deve existir entre leitura, educação e escolaridade, tanto é que muitos dos entrevistados alegam não ler porque não frequentam a escola. Os dados apontam para a necessidade de a escola assumir o seu papel na formação do sujeito leitor e na promoção da leitura, independente do dispositivo na qual ela vem veiculada, impresso ou digital.

A escola do Século XXI necessita priorizar a leitura, trabalhar na formação do sujeito leitor, aproximando o educando do objeto livro, transformando este momento numa atividade cheia de desejo, a ânsia por fazê-la; a leitura digital é uma das possibilidades, uma vez que o jovem do Século XXI é um usuário das tecnologias informacionais. Esta hipótese não pode ser esquecida pelos profissionais da educação, pois a leitura em meio digital, na web, pode proporcionar inúmeras situações de leitura, abrindo um leque de possibilidades ao usuário da Internet. Há uma infinidade de textos literários na rede, seja ciberliteratura (como a ficção Tristessa), com várias possibilidades linguísticas, visuais, textuais e sonoras; ou apenas o texto disponibilizado tal qual aparece no livro.

Wolf reitera que a leitura demanda atenção restrita, isto é, exige a concentração do leitor na tarefa de ler, sem dispersar-se para outros *links*. Apesar disso, a autora enfatiza as benesses das novas tecnologias: o acesso ao livro e o interesse que desperta nos jovens.

É preciso enfatizar à atual geração multitarefas que a leitura demanda, como altíssima atenção e não é conciliável com nenhuma outra atividade. Feita a ponderação, novas tecnologias, como o e-book, são mais do que bem vindas. Elas têm ajudado, afinal, a despertar o interesse pelos livros, num momento em que isso nunca foi tão difícil. (2009, p.179).

Portanto, a escola deve tomar o cuidado para não afastar os educados do livro e/ou do *e-book* e, conseqüentemente, da leitura.

A pesquisa *Retratos de leitura no Brasil* mostra que a grande maioria das pessoas não compreende a importância da leitura, ou seja, uma entre cada quatro pessoas não faz a menor ideia sobre o papel da leitura. O universo de 45,2 milhões, que correspondem a 26% dos entrevistados, vê a leitura apenas atrelada ao conhecimento. Segundo Orlandi (1999, p. 7), “o homem busca dominar o mundo em que vive. Uma forma de ele ter esse domínio é o conhecimento”. Para que haja conhecimento é necessária a leitura, pois esta é um sinônimo de poder na sociedade letrada. Desta forma, ao ler qualquer tipo de texto, o leitor compõe os seus significados, fazendo conexões ou não com a sua bagagem cognitiva, cultural e científica. Outra revelação que parte dessa pesquisa e nos ajuda

a compor o perfil do leitor do Século XXI é que as mulheres leem mais do que os homens. 55% delas são consideradas "leitoras", de acordo com a pesquisa, contra 45% dos entrevistados do sexo masculino. As mulheres leem muito mais do que os homens por prazer ou gosto. E também por motivos religiosos. Os homens leem mais por atualização profissional ou exigência escolar/acadêmica.

Outro fator curioso é de que na visão dos entrevistados as escolas e as bibliotecas são para quem estuda. Diante do exposto, percebe-se por que a biblioteca escolar é bem mais utilizada do que a biblioteca pública. Por isso que 3 em cada 4 brasileiros não vão a bibliotecas. No entanto, a biblioteca é, por excelência, um lugar de acesso a livros, coleções, periódicos, jornais, gibis, enfim os mais variados tipos de materiais impressos. A biblioteca deve ser um lugar onde o leitor possa fazer suas leituras, seus registros, suas pesquisas e dar-se o prazer de ler um bom livro, um bom romance, bons poemas e/ou ouvir uma boa história, ou ler poesias.

O acesso aos livros circulantes no Brasil dá-se também, na ordem de 34% por intermédio das bibliotecas, ou seja, 32.450.490, contrapondo-se a 7% baixados gratuitamente na Internet. A pesquisa mostra que 13% da população afirma não saber da existência de bibliotecas e 20% afirma não existir. Portanto, os resultados sinalizam que as bibliotecas digitais poderiam suprir necessidades leitoras, valorizando-as como um espaço de acesso à cultura, pois elas podem vir a ser um importante suporte para instigar o sujeito a ser leitor. Rosseto afirma:

A concepção de uma biblioteca digital deve ser realizada como uma ferramenta para propiciar o acesso à informação constituída em meio digital e também incluir outros meios tradicionais, mas antes de tudo, deve constituir-se como um instrumento para a democratização do acesso ao conhecimento e inclusão social e cultura. (2008, p. 104).

A Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* evidencia, portanto, que o objeto livro não possui um lugar assegurado em nossa sociedade, visto que este fato já vem enraizado em nosso passado, quando os livros eram mantidos em uma redoma de vidro, para alguns poucos "iluminados" e alfabetizados era permitido o acesso, principalmente porque eles eram exemplares únicos, copiados a mão, verdadeiras relíquias. Na Idade Média, os livros manuscritos eram de natureza religiosa, copiados e guardados pelos monges. Segundo Vieira (2006, p. 9), "Assim o saber permanecia nas bibliotecas dos mosteiros com acesso restrito a algumas pessoas no período medieval, como nos mostra o romance *O nome da Rosa*, de Umberto Eco."

O livro *a História da leitura no mundo ocidental*, escrito por Cavallo, Chartier (1998, p. 34-36), elucida como se deu o movimento de leitura instaurado hoje no Ocidente. Vemos que as reformas religiosas no Séculos XVII e XVIII instalaram um segundo grande modelo de leitura no mundo Ocidental. "A oposição tão frequentemente instaurada entre o protestantismo considerada uma religião do escrito, baseada na leitura pessoal do texto bíblico e o catolicismo considerada a religião da palavra e do ouvido, portanto, da mediação clerical, hoje não é mais aceitável", [no panorama de leitura do mundo atual].

Evidentemente todas as igrejas empenharam-se para transformar os cristãos em leitores, seja por meio das "Sagradas Escrituras" ou dos catecismos, dos livros de ensinamento, de devoção ou liturgia. "A leitura torna-se, assim, em sua definição espiritual e piedosa, inteiramente comandada pela relação com Deus. Ela não encontra em mesma sua finalidade (...) conduzindo para a experiência singular e imediata do sagrado".

Entre os católicos e protestantes (pelo menos até o final do Século XVII) e também calvinistas e puritanistas, instaura-se o maior contraste de leitura cristã. O catolicismo não é uma religião de leitura individual da Bíblia, daí a responsabilidade "dos clérigos que tem a finalidade de indicar a correta interpretação das Escrituras". O material circulante nas mãos dos fiéis são os catecismos, os salmos, a reescritura das histórias bíblicas, que perfazem aquele momento de leitura. Por outro lado, nas terras conquistadas pelos calvinistas e puritanistas, o contexto social e familiar com o texto bíblico trouxe práticas de leitura diferenciadas. "A relação direta, sem intercessão, entre o fiel e a palavra (...). Feita em silêncio para si mesmo, ou em voz alta para toda a família reunida (...) define uma relação com o escrito que se reveste de uma intensidade singular. (...) *a leitura intensiva* comanda todas as leituras (...) a partir dos últimos decênios do Século XVII."

Com o crescimento da alfabetização e a diversificação da cultura impressa, no Século XIX, instaura-se um contraste entre o modelo de leitura apregoado pelas normas escolares (que

intencionam definir modelo único de leitura) e a diversidade das práticas de leitura, seja no recém chegado papel impresso ou transcrito. Na Europa, com o acesso de quase todos às práticas de leitura, instaura-se por detrás da aculturação do escrito a fragmentação nos modos de leitura, tal qual aconteceu na Idade Média, cedendo lugar agora na sociedade contemporânea a uma dispersão usual que corresponde ao mundo social. "Com o Séc. XIX, a história da leitura entra na época da sociologia da diferença." (CAVALLO, CHARTIER, 1998, p. 36).

Com a invenção da imprensa, o livro passou a circular de mão em mão e o monopólio da Igreja Católica deixa paulatinamente de existir. Durante bem mais de dois séculos o país dependeu do mercado editorial português, considerando a estreita associação entre a elite brasileira e o sistema educacional e cultural europeu, portanto os livros que circularam no Brasil até o início do Século XIX eram em sua maioria editados ou impressos na Europa. No entanto, apenas em meados do Século XX, o livro se tornou um objeto comum, inclusive para nós brasileiros. Reflete Rosseto:

(...) com o passar do tempo e a evolução da humanidade, inúmeros suportes e formas vieram colaborar com o registro e a defesa dos conhecimentos concebidos, os quais transcendem o espaço e temporariedade, que vieram corroborar na sua perpetuação, tornando-os de acesso facilitado e democratizado através dos tempos sem vínculo com a memória humana. (2008, p.102).

No final do Século XX, ocorre um novo *boom*, pois se inicia a aplicação das tecnologias de informação e comunicação, no concernente ao mercado editorial brasileiro, ou seja, ocorre uma ênfase na produção e na divulgação do mercado livreiro. Surge neste momento o *e-book*, que segundo a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" corresponde a 7% dos livros acessados no Brasil, por meio do *download* gratuito na Internet, podendo ser acessados através das bibliotecas digitais, que, segundo Rosseto, "atualmente, fazem parte da agenda de importantes universidades institutos de pesquisas e organizações voltadas para a educação e cultura" (2008).

Outro fator importante a ser considerado é o fato de que as cidades que possuem feiras de livros aparecem como destaque, apresentando maiores índices de leitores. Também se encontram poucos pontos de vendas de livros e infelizmente a Internet representa apenas 2% das vendas no Brasil, o que de certa forma acaba dificultando o acesso ao objeto livro. A célebre frase: "Livros, não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas", enfatiza uma das funções da literatura: ampliar as possibilidades do leitor e interferir em sua formação cultural. Mas, para que haja interferência, faz-se necessário que o sujeito tenha acesso ao texto literário, seja no meio digital ou impresso. Atualmente, contamos com um grande contingente de *sites* de literatura. Tendo em vista que as escolas públicas e particulares estão dotadas de laboratórios de informática, a leitura em meio digital surge como uma proposta que pode auxiliar na formação de leitores.

Vimos que os textos impressos atravessaram séculos, sendo por muito tempo um dos únicos recursos utilizados para desenvolver a erudição. Mesmo com o crescente avanço tecnológico, com os livros de bolso, a leitura nunca se tornou uma atividade popular, da maioria, ao contrário, por exemplo, da televisão e da música. A pesquisa aponta que a maioria dos brasileiros gosta de assistir à televisão (77%) ou ouvir música (53%). Ler está em quarto lugar, atrás de descansar e ouvir rádio.

Outro resultado da pesquisa "Retratos da Leitura do Brasil" que nos interessa diz respeito à escolaridade. Ele aponta que quanto maior a escolaridade, maior é o tempo dedicado à leitura de livros. A maioria dos brasileiros (51%) dedica uma a três horas semanais. A preferência cresce com a renda e a escolaridade (48% no Ensino Médio e 64% no Superior). Entre quem ganha mais de 10 SM, vai a 67%. O índice da leitura sobe entre os profissionais com maior escolaridade. Entre aqueles que possuem formação superior, a média passa para 8,3 livros/ano. O número é de 4,5 livros para quem tem Ensino Médio completo, 5 livros para quem cursou entre 5ª e 8ª série do Ensino Fundamental e 3,7 livros para quem tem até a 4ª série.

O grau de instrução dos leitores que declararam o gosto pela leitura nas horas livres tem nível superior (79%), rendimentos da família acima de 10 salários mínimos (78%); são, em sua maioria, chefes de família (76%), espíritas (76%), membros das classes A (75%) e B (74%), habitantes da Região Sul (72%), moradores das regiões das grandes cidades (69%), jovens e adultos de 18 a 24 anos (67%) e 30 a 39 (68%), além de trabalharem e estudarem (73%), evidenciando que a formação de leitores está associada à formação cultural e ao desenvolvimento econômico.

Um dado interessante é que nas famílias em que há um professor, este índice sobe de 32% para 46%, mostrando que há uma tomada de consciência por parte dos professores, que instigam nas suas práticas familiares a importância da valorização da leitura. No entanto, há que se convir que grande parcela da população brasileira, pelo menos as de classe social mais baixa, não possui este respaldo familiar, portanto, esta lacuna deve ser preenchida pela escola. Neste sentido, afirma Walty que "muitas vezes a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e ao texto literário", seja ele impresso ou digital. (2001, p. 49). Em contrapartida, hoje os professores leem mais para seus alunos, o que vem a fortalecer a ideia de que a leitura tem um caráter essencialmente cultural e histórico criado pelo ser humano.

Quanto ao que gostam de ler, as revistas são campeãs (52%), em seguida estão os livros (50%) e os jornais (48%). Os gêneros que despontam na preferência são os romances (32%), os livros didáticos (34%) e a Bíblia (45%). As mulheres leem mais a Bíblia (49%), livros didáticos (44%) e religiosos (30%); enquanto os homens preferem ler livros sobre história, política e ciências sociais (27%). Analisando os dados estatísticos, percebe-se que a leitura das revistas, ou seja, a leitura informativa se destaca em relação à leitura do literário, devido à facilidade da linguagem ali expressa, também pelo grande número de imagens, gravuras e fotos associadas à linguagem verbal. Quanto a estas leituras, declara Britto:

Não há engajamento do sujeito com o processo de reelaboração do saber instituído e, muito menos, questionamento dos valores veiculados. E, considerando que um dos conhecimentos que podem resultar da leitura é a reelaboração e ampliação dos mecanismos lingüísticos e argumentativos, a concepção ingênua de leitura sequer contribui para que o leitor amplie sua capacidade de ler, isto é, sua capacidade de interagir autonomamente com discursos elaborados dentro do registro da escrita e referenciados em universos específicos de conhecimento. (2001, p. 89).

Uma das facilidades que o leitor encontra para a efetivação destas leituras é que o acesso às revistas é fácil, pois são encontradas facilmente em bancas, localizadas em pontos estratégicos das cidades e também pelo preço comercializado, mais acessível em relação aos livros. Outro fator que não pode ser esquecido é a rapidez da leitura, ou seja, uma das características da leitura de revistas e de jornais é a leitura rápida, sem a exigência de que haja (re)criação devido à objetividade comunicativa da linguagem jornalística. Lima (1993) escreve sobre a linguagem jornalística que, pelo compromisso com a representação do real, possui marcas distintas de precisão, clareza e simplicidade.

No que diz respeito aos hábitos de leitura do brasileiro, a pesquisa mostra que, apesar da obrigatoriedade da leitura nas escolas, é alto o índice de estudantes que dizem ler por prazer ou gosto, o que de certa forma retrata que o grupo que cria uma intimidade com o livro, mesmo com as atividades pedagógicas que a escola promove, resiste às pressões e se mantém leitor.

Os fatores mais determinantes na escolha para a leitura de livros são a temática, o título e as indicações de outras pessoas. E, como o brasileiro costuma fazer suas leituras? A maioria dos que gostam de ler ouvindo música tem entre 11 e 24 anos (índice aumenta entre 14 e 17 anos). Os que mais gostam de ler com a televisão ligada são as crianças (14% entre 5 e 10 anos e 10% entre 11 e 13). A preferência por lugares silenciosos para ler cresce quanto maior a idade do leitor (mais de 90% acima de 40 anos). Percebe-se na constatação acima que, quanto menor a faixa etária, maior é a influência e a participação dos meios de comunicação na vida diária, trazendo-nos um paralelo entre menor faixa etária e maior avanço tecnológico. No contexto moderno em que vivemos, esta constatação aponta para o perfil do leitor do Século XXI, é um sujeito que executa mais de uma atividade simultaneamente, que ao mesmo tempo que lê, escuta música, vê televisão.

A leitura é fator primordial de crescimento humano. Há os que cogitam: "como pensar num país de leitores, se o objeto livro é tão caro em nosso país?". Esta problemática pode ser amenizada com o uso das bibliotecas digitais, fonte primária e gratuita de textos literários, uma forma de democratizar o acesso aos bens culturais.

Para suprir as dificuldades de compra, devemos nos transformar em potenciais leitores das bibliotecas públicas e digitais, as quais deveriam assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informações, principalmente trabalhar na inserção dos sujeitos ao processo de alfabetização informacional, para que este venha ter acesso às bibliotecas digitais. Analisando o panorama das bibliotecas brasileiras, Varel e Barbosa, afirmam:

O atual sistema educativo necessita passar por mudanças – principalmente no Brasil, onde, em termos concretos, não existem bibliotecas escolares atuantes e articuladas com as necessidades pedagógicas – para adaptar-se à realidade do Séc. XXI de igual maneira que outros setores estratégicos da sociedade, replanejando procedimentos de ensino aprendizagem. O centro dessa mudança poderia dar-se por meio da biblioteca escolar, que, mediante modelo funcional e organizativo, se transformaria em um recurso estratégico dinamizador do currículo, com uma participação ativa no processo pedagógico, assumindo o processo de alfabetização informacional, fundamentando-se em princípios de cognição e mediação. (2009, p. 195).

As regiões Norte e Nordeste do país são as que apresentam os problemas mais sérios concernentes à leitura. Estas regiões são as que possuem um índice menor de desenvolvimento socioeconômico, não possuindo, em muitos casos, acesso ao computador e às bibliotecas. Percebe-se a necessidade de implantação de ações que privilegiem programas de promoção de leitura, que a privilegiem como lazer e descanso e também que enfoquem obras e autores, pois se destaca que a leitura é simultânea e indispensavelmente um componente do que chamamos cidadania e um componente do que chamamos desenvolvimento. Este indicador nos faz acreditar no potencial das bibliotecas digitais e dos *e-books* para aumentar o número de leitores.

Desenvolver o hábito da leitura é de extrema relevância, como um fator possibilitador do desenvolvimento cognitivo do indivíduo e da sua inserção social nas sociedades letradas. Há que se perceber a leitura como um fator histórico, de inclusão social e construção da cidadania, expressando, construindo conhecimentos através das mais diferentes concepções.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. de. **A senha do mundo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: 2000.
- BRITTO, L. P. L. Leitura e política. In: Evangelista, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana Maria Brina, MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **Escolarização da Leitura Literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 1.
- CUNHA, M. A. da. **Acesso à Leitura no Brasil: Considerações a partir da pesquisa**. In Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 2. ed. Instituto Pró-Livro: 2008.
- FINIZOLA, F. **Poesia Concreta Contemporânea - Novas Interferências do Meio Digital - Contemporary Concrete Poetry – New Interferences of the Digital Medium**. Disponível em: www.corisco.net/.../Poesia%20Concreta%20Contemporanea%20-%20Novas%20Interferencias%20do%20Meio%20Digital.pdf. Acesso em: 05 fev. 2010.
- LARROSA, J. **Nietzsche & a Educação/Jorge Larrosa**. Traduzido por Semíramis Giorni da Veiga. 2. ed. 1ª reimpressão. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- LEAL, L. F. V. Leitura e Formação de Professores. In: EVANGELISTA, A. A. M., BRANDÃO, H. M. B., MACHADO, M. Z. V. (Org.). **Escolarização da Leitura Literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. v. 1.
- ORLANDI, E. P. **O que é lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- Retratos da leitura no Brasil**. 1. ed. São Paulo: CBL, Snel e Abrelivros, 2001.
- Retratos da leitura no Brasil**. 2. ed. Instituto Pró-Livro. 2008. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf> >. Acesso em: 12 set. 2009.

ROSSETO, M. Bibliotecas digitais – Cenário e Perspectivas (*). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova Série, São Paulo, v. 4, nº1, p.104. jan/jun. 2008.

WALTY, I. L. C. Literatura e Escola: Anti-lições. In: Evangelista, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana Maria Brina, MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **Escolarização da Leitura Literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VAREL, A. V.; BARBOSA, M. A. A multirreferencialidade de saberes nos atos de mediação do conhecimento: o aporte das ciências cognitivas à ação pedagógica das bibliotecas. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte v. 14, n 2, p. 187-203, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a13.pdf> >. Acesso em: 13 out. 2009.

VIEIRA, A. S. *et al.* **Organização e uso da Biblioteca Escolar e das Salas de Leitura**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. Universidade Estadual de Campinas. Coleção: Pró-Letramento, 2006.

WOLF, M. **Revista Veja**. Editora Abril. Edição nº 2139, ano 42 - Nº 46 de 18 de nov. de 2009.

NOTA

¹ Pesquisa efetuada pela Câmara Brasileira de Livros, BRACELPA, SNEL e ABRELIVROS, com um público estimado de 86 milhões de pessoas, cuja amostra contempla diferenças populacionais nas várias regiões do País.